

# MARÉ VIVA

DIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 6 — PREÇO 3\$50 — 4/8/1976

(Avençado)

## Morreram as antigas ...Vivam as praias novas!

Já lá vão os anos em que Espinho se podia vangloriar de possuir praias magníficas e em grande número. Hoje a realidade é bem diferente e impõe-se aproveitar de forma capaz o cada vez mais escasso espaço de praia que existe dentro dos limites naturais da cidade. É isso que se tem feito para norte, zona em que as praias beneficiam já de melhoramentos consideráveis, e é isso que se deve fazer para sul, onde há praias que, pelas suas qualidades naturais, merecem bem ser aproveitadas.

De facto, existe a sul de Espinho, entre o Bairro Piscatório e Paramos, uma imensa praia, de características um pouco diferentes das praias a norte, até há pouco tempo praticamente ignorada pela quase totalidade dos espinhenses e turistas, e sem acessos que facilitassem o seu conhecimento até ao momento em que a Comissão Administrativa da Câmara mandou abrir uma ligação a partir da estrada de Silvalde ao Aero-Clube.

Essa praia tem vindo a merecer alguma da atenção que lhe é devida. Deste modo, a melhor praia da zona de Espinho tem visto os seus acessos melhorados, estando já adjudicada a pavimentação da estrada que conduz ao largo onde os veraneantes deixam os seus automóveis. Praia com areia muito fina, mar relativamente calmo para a zona de Espinho, com uma extensão muito apreciável, reúne boas

condições para facultar agradáveis momentos de descanso. De salientar que a Comissão de Turismo já solicitou à Capitania de Leixões autorização para poder, a partir do próximo ano, explorar a praia, criando nela todas as infraestruturas necessárias para o seu bom aproveitamento, no interesse de melhor servir o público, sem quaisquer intuítos de auferir grandes lucros.

Mas não há bela sem senão, e a praia a que nos referimos não foge à regra. Vários aspectos poderão ser considerados como negativos, e entre eles salientamos a proximidade da Carreira de Tiro, o que faz com que a praia esteja dividida em duas zonas separadas por um espaço de cerca de 300 metros (área de segurança de tiro), ficando a zona mais a sul sem acesso, a não ser atravessando a referida área, com os problemas que se notam.

A Câmara tem feito esforços para conseguir a mudança do local da Carreira de Tiro, mas tal não foi ainda possível porque, conforme nos informaram oficiais responsáveis pela Carreira de Tiro, o problema de se encontrar outro local não está ainda resolvido. Os próprios serviços do Exército têm tentado encontrar uma nova localização, mas até agora nada conseguiram. Portanto, de momento,

(Continua na pág. 7)

## «RETORNADOS»

### Duas cartas — Uma polémica

Conforme se observa pelas cartas que publicamos, a reportagem que fizemos no «Maré Viva» número 4 sobre retornados em Espinho causou impacto e provocou polémica. É natural, dada a natureza do assunto em causa. E ainda bem, porque é nossa ideia que um jornal só interessa na medida em que provoca a discussão aberta de pontos de vista, numa tentativa de denunciar situações reais para lhes ir apontando, se possível, soluções — não a polémica estéril, que se procura fabricar com a ânsia de quem precisa de se pôr em bicos de pés para que o notem.

E já vai sendo tempo de se estudar, com seriedade as situações, os problemas, as manobras que se desenrolam em volta daqueles milhares de portugueses de que tanto se fala, mas que tão raramente se procuram analisar na realidade da vida que é a deles. Em Espinho estão instalados largas centenas de com-

patriotas retornados das ex-colónias. E uma simples reportagem, desprezível, que fizemos sem qualquer ideia preconcebida, despoletou uma discussão que pode ir desde já fazendo vir ao de cima algumas verdades escondidas. Muitas ideias se poderiam desde já fazer, mas fique-mo-nos hoje por algumas das maiores evidências e que, por sinal, este número de «Maré Viva» sugere.

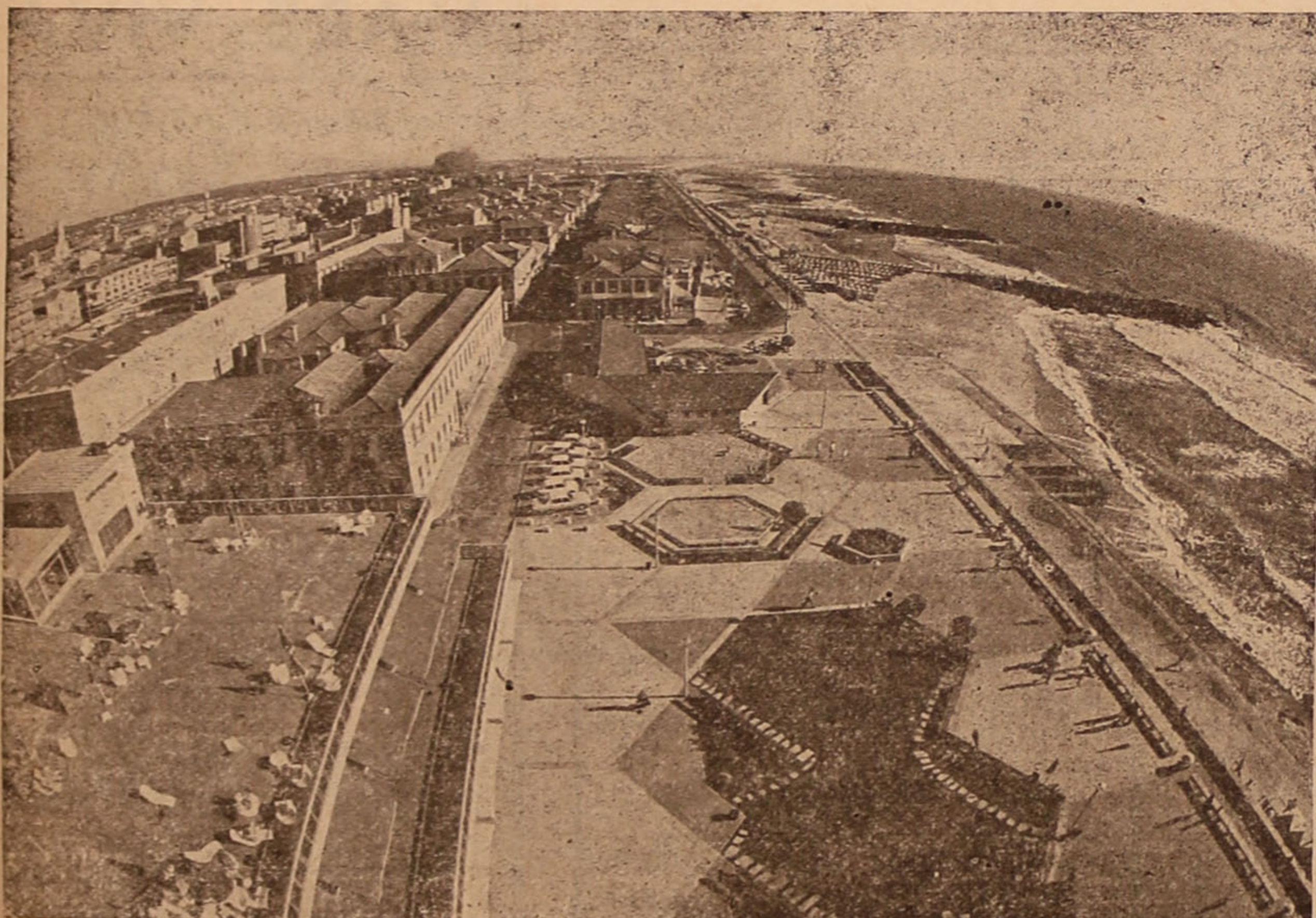
Dos números que o autor da «Carta Aberta» adianta pode-se concluir, se dúvida havia, das verbas que os organismos oficiais têm dispendido com a assistência aos retornados. Isso, por si só, não seria talvez grande questão, já do que essa assistência era imprecisa, mas o que já é muito mais grave é que essas verbas são gastas sem se apontar para uma definição de vias que libertem os re-

(Conclui na pág. 3)

## Espinho-Porto de meia em meia hora?

No nosso último número trouxemos até aos nossos leitores uma análise da actual situação da questão dos transportes urbanos em Espinho. Hoje informamos de que está pedida desde há bastante tempo, pela Auto.Viação de Espinho, autorização para alterar profundamente o actual horário dos autocarros Porto-Espinho. É que, até para utilizarmos a classificação de um gerente daquela empresa, o horário em vigor é obsoleto, está ultrapassado pelas necessidades de deslocação que hoje se fazem sentir.

Quanto à proposta feita para o novo horário, a grande novidade reside em serem previstas ligações com o Porto de meia em meia hora. Escusado será salientar o alcance desta possibilidade que se abre. Resta continuar a esperar para se saber qual a aceitação que as entidades competentes irão dar a esta proposta. Com a certeza de que nessa resposta terão de ser tidos em conta, prioritariamente, os interesses das pessoas que se querem deslocar e também têm direito a movimentar-se com a vontade, embora não disponham de carro. Irá o transporte colectivo começar a prevalecer sobre o individual? Não seria sem tempo.



Um olhar aberto sobre a zona fronteiria ao mar: um prémio no I Salão Nacional de Fotografia que diz bem do que nos promete o já anunciado II Salão; o lembrar de um quarteirão que nunca mais voltará a impressionar película.

E que nos revelará o futuro: o eterno vazio ou o tal «plano»?

## Greve nos Papeleiros:

Será possível  
contratar  
forças da ordem?

Leia página  
do Trabalho



# NO TI CI AS

## BOXE FEMININO

Quem disse que só os homens se digladiam entre si? O que se passou na Rua 23, é bem a mostra de que tal não é verdade. Os motivos que levaram uma moradora no Juncal a agredir uma outra senhora, na via pública, não os conhecemos, mas a verdade é que para salvar a contenda de uma desordem maior, foi necessária a intervenção da PSP. A agressora foi detida e o seu caso será resolvido em tribunal. Apesar do que se passou ter sido entre mulheres, não vai invalidar que se chama a atenção para se pôr cobro a todos estes mal-entendidos que têm, por vezes, causado a morte.

As pessoas diferenciam-se dos animais porque pensam, e como tal, deve ser pensando e conversando que devem resolver os seus problemas, sem que para tal se use da brutalidade.

## OS MAGOS EM CONVÍVIO

No passado dia 25 de Julho, domingo, a direcção da colectividade dos Magos F. C., organizou uma excursão que tinha um convidativo itinerário o qual, com partida de Anta, tinha visitas a algumas terras minhotas como: Viana do Castelo, Valença, Monção, etc.

Pode dizer-se que foi um dia de «estágio» para os atletas e não só, já que foram outras pessoas que não dão o seu chutinho na bola.

A viagem caracterizou-se pelo convívio e ambiente animador dos excursionistas, que chegaram todos com a certeza de um belo dia passado fora daquela rotina habitual.

Pela animação havida, a Direcção já pensa em outras iniciativas como esta. Força, pois.

## O SUOR E HUMILDADE

O calor, a falta de água, a época banhar, etc., são talvez as causas de um grand emovimento por parte dos Bombeiros Voluntários da nossa cidade.

Na última semana (de 20 a 30 de Julho), registaram-se, nada mais, nada menos, que 26 saídas de ambulâncias, 4 saídas de serviço de prevenção nas praça se 12 saídas para incêndios. De notar o grande número de incêndios que se registaram no dia 23: 6 saídas para incêndios em matas, fábricas, casas particulares, etc. É pois de louvar, o esforço dispendido por estes abnegados homens, que epõem muitas vezes em perigo a própria vida, para salvar vidas alheias. Lamenta-se é que, para-

lamente a este esforço, haja quem se divirta a pegar fogo, em brincadeiras(?) que só se compreendem em paranóicos, como o ocorrido no passado dia 27, quando alguém, com instintos de assassino, se lembrou de «pegar» fogo num ato, o qual viria na correia desesperada da morte a causar um incêndio na casa Sobral, ao qual a intervenção dos Bombeiros pôs termo.

Do alerta para um apoio ao esforço dos Bombeiros, até à colaboração para terminar co matitudes como a que acima referimos, tudo deve fazer parte das preocupações do cidadão que se preza em modificar o nosso ambiente social.

## AVIONETA «POISA» EM AUTOMÓVEL

O acontecido, no passado sábado, no Aero Clube em Paramos faz, pelo que tem de insólito, reflectir no perigo que representa a indefinição a que a pista está votada: é para aterrar ou para passear? Se tem de servir para uma coisa e outra, o melhor é arranjar uma eficiente sinalização.

Bem o pode dizer o Sr. José Rodrigues Reis, morador no Lugar da Lomba, Paramos, que ao regressar da praia viu o seu

carro trucidado por uma avionete e os seus familiares salvos de boa. Também o confirmará o Sr. Carlos Alberto Vieira da Silva, residente em Aveiro, cuja experiência e sangue frio evitou o pior, para si, para os três amigos que consigo viajavam no avião e para os seis ocupantes do automóvel que lhe apareceu na frente quando aterrava. Enfim, tudo se saldou numas centenas de contos de prejuízo em latas.

## EXPOSIÇÃO DE FILUMINISMO

Patrocinada pela Comissão de Festas de Espinho, em colaboração com a Associação Portuguesa de Filumenismo, inaugurou-se, na passada 5.ª-feira, dia 29 de Julho, no Salão Nobre da Piscina, uma exposição de etiquetas carteiros, caixinhas e outras coisas mais, ligadas aos fósforos.

★

Muitos painéis, expondo material

de países diversos, numa autêntica viagem à volta do Mundo, constituem motivo de agrado certo para os visitantes. A arte e o colorido que fazem o encanto desta «mostra» justificam a visita de todos.

Parabéns à organização e também aos expositores que acederam em abrir para os outros as portas do seu «templo» de recreio e cultura.

## IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECÇÃO A

relativamente aos rendimentos do ano de 1974 e aos contribuintes que não optaram pela autoliquidação

.....O seu pagamento deverá efectuar-se, por uma só vez durante o referido mês de AGOSTO, o que, não se verificando, determinará que imediatamente a importância respectiva passe a ficar sujeita a juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto sem que se mostre efectuado o pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da dívida.

## S. Paio de Oleiros

### «CORREIO DA FEIRA»

Têm causado viva repulsa em S. Paio de Oleiros as notícias do correspondente do «Correio da Feira» na vizinha freguesia de Moços.

Além de continuos incitamentos à violência contra determinados sectores progressistas, usando até da calúnia, tem lançado mão para que os sacerdotes de Moços, Lourosa e Oleiros, a residir nesta última freguesia, perciam a crescente audiência que os paroquianos lhes dispensam.

Enalteceu o ocorrido em Lourosa, quando um grupo de provocadores, que ele pretende identificar com o «povo», atentou contra a integridade física do respectivo pároco.

A maioria da população oleirense tem demonstrado, por outro lado, o mais intenso repúdio por tão lamentável ocorrência.

### TRANSPORTES

Parece estar solucionado, com um autocarro da C.P., a sair de Espinho às 23,30 horas, o problema dos transportes à noite para S. Paio de Oleiros, dando assim facilidades aos frequentadores da vida nocturna da cidade e principalmente, caso seja para manter-se, como supomos, para além da época de Verão, possibilitando aos trabalhadores-estudantes mais fácil acesso aos seus estabelecimentos de ensino.

Está de parabéns a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia que, com esta vitória, terá já incentivo para novas lutas. Por exemplo: conseguir que a zona da freguesia compreendida pelos lugares do Fial, Concharinha e Igreja seja também dotada de meios de transporte para Espinho, dado que alguns dos seus moradores têm de fazer cerca de 20 minutos a pé para tomar os autocarros nos lugares do Valado ou do Monte.

Sugere-se que alguns dos autocarros da Auto-Viação Feirense, que passam à vizinha freguesia de Nogueira e vão para Espinho directamente por Anta, efectuem um pequeno desvio por S. Paio de Oleiros, desembocando de novo no Maçarico, sem praticamente prejudicarem os nogueirenses, dado que, no trajecto que deixariam de percorrer, apenas servem actualmente meia dúzia de habitações.

### FÉRIAS SUJAS

A falta de água e luz que ultimamente se tem feito sentir, foi talvez a causa remota de um mal-entendido entre um senhorio e um turista brasileiro ao qual o primeiro havia alugado uma casa. Nada mais nada menos que a avaria numa máquina de lavar. Para resolver a contenda, foi necessário a intervenção da polícia que veio pôr cobro à situação. Não mais houve problemas e a máquina, essa com certeza que foi para arranjar, não vá, de hoje a amanhã, vir a causar mais problemas deste

### VOAVA, VOAVA...

...Até que um dia (a semana passada) foi encontrado pelo sr. Apolinário Ribeiro. Talvez que já cansado de voar, o pombo se resolvesse a descansar. Escolheu para isso a cidade de Espinho, onde, pelos vistos nem só os homens gostam de gozar o prazer do seu mar. Com o pombo (correio) entre mãos, o sr. Apolinário foi à polícia que dali o encaminhou para ambiente mais adequado: o Grupo Columbófilo. Daí, tentar-se-á enviar o pombo (qual filho pródigo) de regresso à casa materna. Poder-se-á então dizer: um pombo voltava, voltava...

## Farmácias

QUARTA — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352

QUINTA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

SEXTA — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

SABADO — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

DOMINGO — Grande Farmácia  
Rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

SEGUNDA — Farmácia Teixeira  
Rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

TERÇA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 233 — Telef. 920331

## II SALÃO DE FOTOGRAFIA

Após um interregno de dois anos, Espinho volta a ter o seu Salão Nacional de Fotografia, que se espera repetirá o êxito assinalável que foi a sua primeira edição. O certame, integrado no programa de Festas da C. Municipal de Turismo, é organizado pela A.A.E. que conta com a colaboração da Associação Fotográfica do Porto, entidade cuja colaboração já no primeiro concurso foi valiosa.

A semelhança do primeiro salão, os trabalhos distribuir-se-ão por três secções em dois temas.

## ESPECTÁCULO DE BALLET

Realizou-se no passado dia 20 um espectáculo de Ballet Infantil, apresentado pelo grupo dos mais jovens elementos do Ballet da Académia de Música de Espinho e orientado por Adriana Domingues.

A organização esteve a cargo da Secção Cultural da Associação Académica de Espinho (A.A.E.) e do Grupo de Intervenção Cultural (G. I. C.)

O espectáculo, que decorreu no pavilhão desportivo da Académica contou com a presença de cerca de 2.500 pessoas, incluindo crianças (a entrada era gratuita) que durante o espectáculo seguiram atentamente as diferentes partes do mesmo.

É de salientar o trabalho do grupo de Ballet, e, todos esperamos que o progresso seja constante.

Uma necessidade premente é a existência de uma casa de espectáculos em local mais acessível à população, não só para Ballet mas para outras actividades culturais.

## TEATRO : A CONDUÇÃO

Mais uma peça (conduzir sem carta) teve como palco a nossa cidade.

Cenário: Um irmão emigrante, um carne de matricula espanhola, uns «piropos» de banhistas e a paixão pela condução.

Actor: Gervásio da Silva Faustino, morador no Bairro Piscatório em Espinho. (tratava-se de um monólogo).

Público: PSP, sempre atenta ao desenrolar de todo o espectáculo.

Aceitação por parte do público: M.A. PSP entendeu que a representação por parte do actor estava mal preparada (o actor não tinha carta).

Final do espectáculo: O pano cai com o actor entregue ao tribunal da Comarca de Espinho.

A nossa crítica: Que espectáculos destes se não repitam, pois tais encenações não estão de acordo com o estilo novo que queremos imprimir à representação da nossa vida diária.

## MARÉ VIVA

### SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251  
Telef. 921621

ESPINHO

Director

António A. Santos

Fizeram este número:

Adriano Cardoso - Antero Monteiro - António Capelo - António Letra - António Santos - Augusto Mota - Dário Capela - Ema Letra - Joaquim Quintas - Jorge Catarino - Laura Gaio - Laurinda Cunha - Manuel Loureiro - Moraes Gaio

Colaboração especial:

Alberto Barbosa (BEKA) - Tibério Coelho.

Composição e Impressão

Officinas Gráficas

da Casa Num'Alvares — Porto



## «RETORNADOS» (continuação)

tornados da continua dependência, situação que até para os próprios é deprimente.

Já que agora se fala tanto em relatórios e «livros» brancos, para quando uma investigação séria sobre a forma como a questão «retornados» tem sido tratada?

Entretanto, veja o leitor o artigo, que publicamos na página de Trabalho, sobre a situação dos operários papeleiros. Tome nota do montante do salário máximo (3.900\$00) que até agora têm recebido trabalhadores com 2, 3 e 4 filhos, e compare com as despesas feitas com um agregado familiar semelhante, de retornados. É inevitável que se crie um mal-estar que tem de se manifestar de várias formas e cremos mesmo que a maioria dos próprios retornados não é sem uma certa amargura que reflecte na questão.

Mais: fala o nosso correspondente da «Carta Aberta» em quantias

enormes que revertem para os industriais de hotelaria, como pagamento do direito de habitar em miseráveis um ou dois quartos. Pois, por outro lado, publicamos nesta mesma página um aviso do Ministério da Habitação convidando os interessados em adquirir casas pré-fabricadas a preços razoáveis. Então, como é? Vão-se somas importantes na estadia em pensões e hotéis, indefinidamente, com os conhecidos problemas que essa situação acarreta para o turismo nacional, e vem um Ministério dizer que há casas que se podem adquirir sem dispêndio exagerado!

Enfim, apenas dois exemplos que revelam na sua evidência crua situações dum país que busca soluções novas para problemas velhos. E se se querem soluções é preciso ter coragem para as agarrar. E algumas nem são difíceis de descobrir. Com vantagens para todos, retornados ou não.

## Casas Pré-fabricadas

### Informação do ministério da habitação

«Com a vinda dos Refugiados das ex-colónias, agravou-se ainda mais a já grave carência de habitação do País. Estando este Ministério empenhado em minimizar essas carências, encontra-se em negociações com os industriais nacionais de casas pré-fabricadas, para venda aos interessados. Dos contactos já havidos conclui-se o seguinte:

N.º de quartos po rhabitação	Área aprox. m2	Custo por m2	Matéria
1	52	2.400\$00	madeira
2	72	2.400\$00	»
3	91	2.400\$00	»
4	105	2.400\$00	»

Os custos apresentados, referem-se aos elementos que consttuem o perímetro exterior, divisórias e cobertura. Portanto, não são considerados o pavimento, o equipamento sanitário, o equipamento de cozinha, electrificação, canalizações e montagem.

Os interessados terão que dar uma entrada inicial da ordem dos 20 % sendo o restante pago segundo um sistema de crédito a prazo.

## Carta do Sr. Manuel Lourenço

Em virtude da entrevista publicada no v/Jornal número 4, de 16 de Julho de 1976, sob a rubrica «COMO VAI O NEGÓCIO? RETORNADOS», da qual o signatário é um dos ouvidos pela reportagem desse Semanário, a mesma causou um clima de descontentamento nos desalojados — até certo ponto justificado — face a dita entrevista não ter sido desenvolvida na sua totalidade e, daí a razão, se ter gerado uma opinião bem diferente daquela que o signatário tem destes desprotegidos da sorte.

Tem o signatário a esclarecer, que quando se refere aos desalojados que não querem trabalhar, o termo empregue foi: há desalojados, que devido às condições que usufruem do Estado, não lhes interessa trabalhar (factos que pode comprovar) e não, de maneira alguma, se referiu à generalidade, pois que nesse aspecto seria o de trair-se a si próprio e a alguns dos que consigo colaboram.

Não pretendo tornar-se muito extenso, toma a liberdade de afirmar novamente aquilo que disse: o País tem capacidade para dar trabalho a todos aqueles que assim o queiram. Porém, devido ao fennónmeno político que se atravessa,

não tem sido levado a bom termo o esforço despendido por alguns, para se encontrar a solução mais adequada a cada caso.

É do conhecimento da população, que muitos dos que foram forçados a refugiarem-se em Portugal, devido à sua grande vontade de vencer, têm conseguido começar a refazer a sua vida. Todavia, não acontece em cem por cento dos casos, o que seria de desjar; uns, prseguidos pelo azar, outros por nada quererem fazer, pois esse já era o seu lema nas Províncias onde viviam.

Por último e para que se não criem dúvidas e se faça especulações, menos verdadeiras, acerca do comportamento do signatário, tem a lembrar que muito tem feito pela causa dos desalojados, por exemplo: foi em Agosto de 1975, quando ainda muitos dos que cá se encontram não faziam a mínima ideia de virem para Portugal, fundou, com mais três elementos, a ex-Comissão do Norte dos Desalojados — hoje CODUP — para a qual deu o melhor do seu esforço e saber.

Manuel Lourenço Soares

### J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

### MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

## Carta aberta ao Sr. Manuel Lourenço

### AVISO PRÉVIO AO SR. CAPITAO ALVES PEREIRA, DIRECTOR DO I.A.R.N.

Acusamos e defendemos a honra de todos os desalojados trabalhadores, pois vadios, há-os em toda a parte do mundo.

Isto, vem «a talhe de foice», dum chamado reportório, que anda pelas raías do cinismo, da maldade e da traição fraudulenta, o que acabámos de ler no jornal de Espinho «Maré Viva», o artigo «Como vai o negócio? Retornados».

Diz o senhor Manuel Lourenço, gerente do café Pop «que é proprietário de 7 casas (pensões e restaurantes)». Tudo isto, para dar alojamento, a cerca de 400 pessoas por dia. Como se vê, este homem honrado e trabalhador, é já um grande capitalista e empresário. Para isso, chamámos a atenção das autoridades e do governo.

Como refugiados, desalojados ou fugitivos, fomos espoliados de todos os nossos bens e regressados à Pátria, sem nada, apenas com a nossa honra de termos trabalhado, para engrandecimento de uma terra, que nos diziam ser Portuguesa. Viemos com o dever cumprido de quem sabe ser Português.

Pois então, deixem-nos salvar ao menos, o que temos de melhor e o que nos resta ainda: A nossa honra. Posto isto, vamos conversar com o Sr. Manuel Lourenço e pôr os pontos nos ii.

O Senhor tem um carácter levado da breca!...

Apesar de tudo e de ser ingrato, aqueles que lhe dão o pão a ganhar (hóspedes e IARN), mas como agora é capitalista e empresário, já não conhece os mais pobres e os mais desventurados.

Senão, vejamos. Entre quatrocentas pessoas que você alimenta e dá alojamento, mencionamos, apenas 4 agregados familiares, tirados à sorte.

Família Ramiro — mulher e 4 filhos entre os 4 a 14 anos — 2 quartos e alimentação pagam por mês — 44.550\$000.

Família Freire — mulher, filha e 2 netos de 2 a 3 anos — 2 quartos e alimentação pagam por mês — 32.400\$00.

Família Belchior — mulher e 2 filhos de 1 a 2 anos — 1 quarto e alimentação — 24.300\$00.

Família Gomes — mulher e 4 filhos de 3 a 11 anos — 2 quartos e alimentação — 36.450\$00.

Num total de 4 famílias 137.700\$00, divididos da seguinte maneira: quartos — 51.000\$00, alimentação — 86.700\$00. Como se vê pelos números, não há nenhuma casa deste género, que pague de renda, com tão poucos quartos 51.000\$00.

Quanto à alimentação, é o preço de um dos melhores restaurantes, de serviço à lista.

Mas, leitores, falta juntar a estes números o resto das 400 pessoas. Informamos também que a comida apresenta muitas vezes um «perfume» nauseabundo. Pois este cavalheiro, sentiu-se com moral, para afirmar ao Jornal «MARE VIVA» de Espinho, no dia 17/7/76, que os desalojados são os maiores vadios, que não querem trabalhar, isto, na generalidade! Brada aos Céus senhores!... Por aqui se vê, que o nosso herói, muito hon-

(Continua na pág. 7)

# NÓS E O LEITOR

## TEMPOS LIVRES DAS CRIANÇAS

Senhor Director:

Achei interessante ser publicado no seu jornal um artigo sobre os tempos livres das crianças, quero primeiramente fazer um elogio ao seu jornal que está muito bom.

Quero dizer-lhe que há espalhadas pelo mundo, milhares de crianças que não têm tempos livres pois têm que trabalhar para ajudar a sustentar a família.

O mundo ainda não soube reparar nessas crianças que precisam de desportos, de praia e de muitas outras coisas. Mas se há tanta gente sem trabalhar porque será que as crianças é que trabalham?

Esta é uma das muitas coisas que me revoltam, pois há tanta gente à boa vida e nós crianças pobres não temos direito aos divertimentos como os filhos dos «grandes senhores»?!

E pronto Sr. Director, aqui chego ao fim da minha carta com os maiores cumprimentos.

Maria Helena (9 anos)

### PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

### FOTOCÓPIAS

RANK XEROX

J. OLIVEIRA

Rua 19 n.º 401-1.º — Telef. 920093

## “DESEMPREGO”

A notícia publicada no n.º 4 do «Maré Viva» sob o título «Desemprego», na página TRABALHO, é a denúncia de um caso entre milhares que ocorrem por este país fora e que ferem profundamente, com requintes de desumanidade, outras tantas famílias de trabalhadores.

A questão posta no fim da local é pertinente: «cumpra-se a lei... mas quem a faz cumprir ao patrão» que está na origem de todo o processo? E os trabalhadores, lançados no desemprego, poderão ficar na expectativa do cumprimento de alguma lei que responsabilize o sr. Sousa pela situação em que se encontram depois do despejo? A lei (ou uma parte dela) cumpriu-se, com a presença de polícias e tudo. Só que... os atingidos foram os trabalhadores.

E que dizer da seguinte situação?

Um trabalhador é abusivamente despedido não tendo a entidade patronal cumprido integralmente a lei no que respeita a indemnização. Procura que o patrão lhe pague os valores que a lei impõe no contrato e acaba por le-

var o caso para o Tribunal do Trabalho. Espera dois anos e meio que a acção seja julgada. Entretanto, um ano após o despedimento, o trabalhador deixa de pagar ao senhorio por falta de meios. Este move-lhe uma acção de despejo e passados dois meses e meio o trabalhador e família estão na rua.

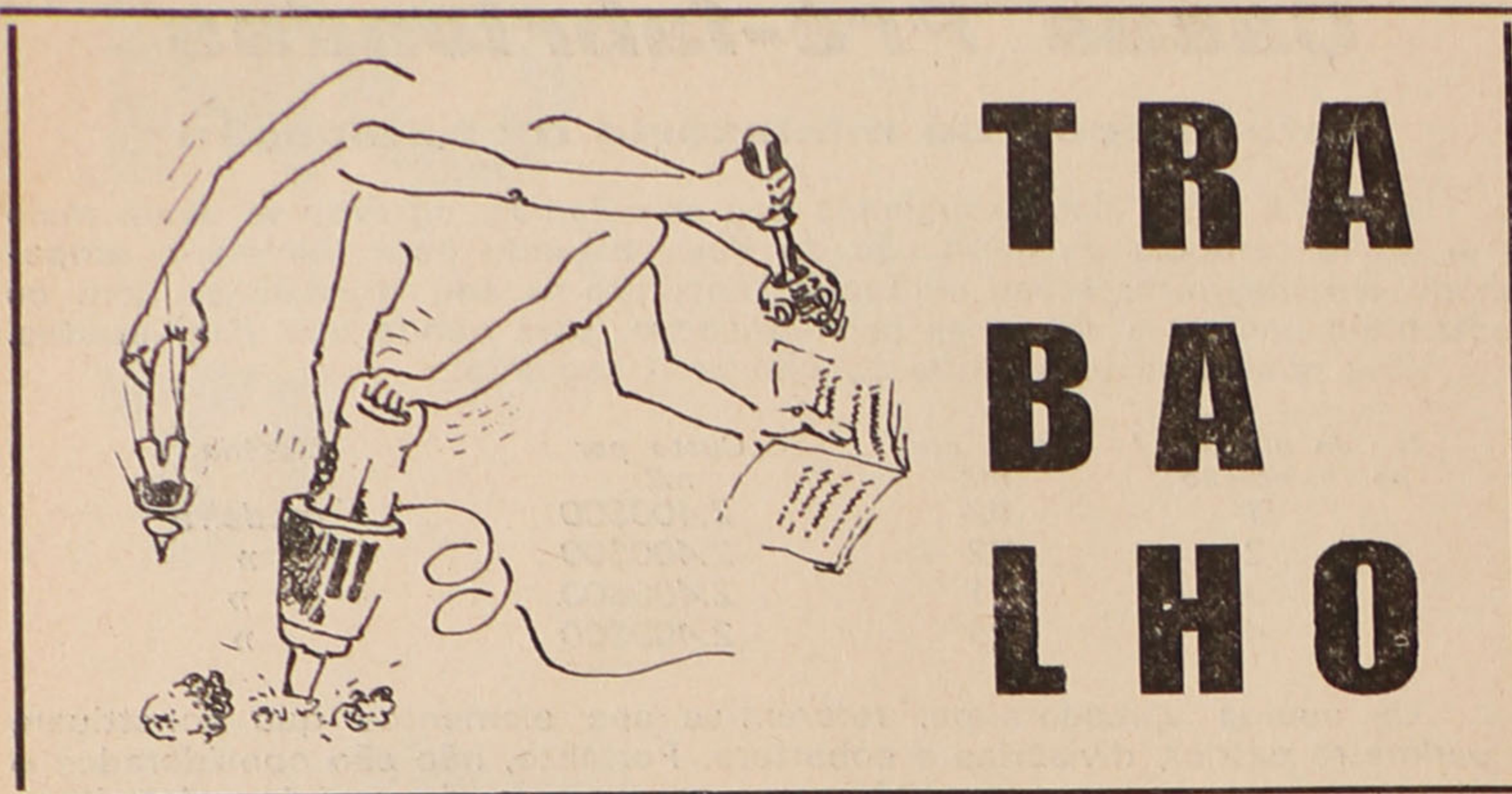
Posteriormente o tribunal impõe-lhe que pague ao senhorio as rendas em débito no prazo de «X» dias ...sob pena de prisão, e depois que pague as custas também a breve prazo.

Aproveito a oportunidade desta carta para saudar o «Maré Viva» na pessoa do seu director e de todos quantos nele trabalham, e... força!

António Silva

NOTA — esta carta é para nós a prova de que os nossos leitores estão a compreender o nosso trabalho e a apoiá-lo na prática, ajudando-nos, com exemplos do seu conhecimento, a melhor tratar os problemas que abordamos no jornal. Esperamos que este género de colaboração se intensifique. Aqui fica o convite expresso.





# TRABALHO

## GREVE NOS PAPELEIROS

Unidade faz vencer

O sector de transformação de papel, é, conjuntamente com o da cortiça e o da cordoaria e tapeçaria um dos mais característicos da região abrangida pelo nosso Jornal.

Nas freguesias de Paços de Brandão e S. Paio de Oleiros existem para cima de 30 unidades fabris que ocupam perto de dois mil trabalhadores. Daqui, que a greve, decretada a nível nacional, decidida por voto secreto em plenário de todos os trabalhadores e iniciada no passado dia 12 de Julho, tenha alcançado, junto de nós, um impacto que interessa transmitir aos leitores.

Na base do conflito estiveram reivindicações salariais já antigas. As empresas do sector são divididas em 5 categorias (grupos) atribuídas conforme o tipo de produção. O problema surgiu, sobretudo, para os trabalhadores das empresas integradas nos grupos mais baixos, 3 e 4 e, ainda nalgumas empresas do grupo 2. Interessa salientar que o salário máximo numa empresa do grupo 3 — o salário de um condutor de máquina — era de 4.700\$00 e, no grupo abaixo, de, apenas, 3.900\$00.

Para reforçar a ideia de justiça na sua luta, um operário que fazia piquete à porta da fábrica perguntou ao repórter do «Maré Viva» como manteria mulher e dois filhos com 3.800\$ mensais: o correspondente a 3.900\$ arredondados para os 4.000\$ do sa-

### Será possível contratar forças da ordem?

A greve é uma forma de luta que os trabalhadores têm o direito — consignado na Constituição, Artigo 59.º — de usar nos diferendos que os opõem quer às entidades patronais quer aos responsáveis pela economia a nível nacional. É pois natural que as autoridades devam protegê-los quando no exercício legal desse direito. Alguns incidentes ocorridos durante a greve deixaram os trabalhadores papeleiros — a avaliar pelos comunicados emitidos pelo respectivo sindicato — perplexos perante a interpretação que as ditas autoridades parecem fazer do nosso diploma fundamental — a Constituição. Passamos a relatar:

Logo no início da greve, quando uma inspecção do M.T. se dirigiu à fábrica da Zarrinha que pretendia manter a laboração com pessoal não sindicalizado, ouviram-se nas traseiras da fábrica tiros de intimidação. Pouco depois, cumprida a sua missão, elementos das inspecção retira-

lário mínimo nacional e deduzidos os respectivos descontos.

Onze dias após o início da greve, no passado dia 23, a assinatura de um novo Contrato Colectivo de Trabalho ficou finalmente decidida durante uma reunião, no Ministério do Trabalho, em que estiveram representados o Sindicato, a Associação Patronal e o Ministério da Indústria e Tecnologia. A título de comparação podemos adiantar que este contrato prevê para os casos já apontados os salários de, respectivamente 6.750\$ e 5.900\$00.

No entanto, a greve não terminou. Por ironia, não se achou no Ministério do Trabalho quem dactilografasse as minutas da citada reunião. Só no dia 29, quase uma semana depois, os termos do acordo estavam devidamente dactilografados (por uma funcionária da Federação dos Sindicatos) e prontos a assinar. No Sábado, dia 31, os trabalhadores analisaram a situação a fim de verificar se estavam finalmente reunidas as condições para regressar ao trabalho. Concluíram que sim; que a assinatura do acordo era, para já, garantia suficiente e aguardam a sua publicação no Boletim do Ministério do Trabalho, talvez já no próximo dia 15.

Na 2.ª-feira regressaram ao trabalho. A greve terminou tal como começou: em plenário e por aclamação unânime — a unanimidade que faz vencer!

vam-se e tiveram de fugir para não serem agredidos, enquanto era atingido o delegado sindical que os acompanhara na diligência. Contactada, a G. N. R. compareceu no local... cinco horas depois!

Pela mesma altura, na fábrica Henrique de Oliveira Souza — Filhos, Lda., três patrões juntaram-se para agredir um trabalhador que se mantinha no seu posto de vigilância. A queixa apresentada na G. N. R. foi dar às mesmas «águas de bacalhau».

Finalmente, na terça-feira, dia 27, Paços de Brandão foi invadida por uma força da G.N.R. que se concentrou junto da firma António Marques de onde a entidade patronal pretendia fazer sair um camião carregado. Contactado por um dirigente sindical, o comandante afirmou que os camiões sairiam pela força pois para isso tinha ordens do Ministério do Trabalho. Estranhando as ordens, o

## Pequenas empresas — grandes problemas

### Moselos: No «Mangas» — um impasse

A serração António Pereira de Oliveira, «Mangas», no Morado, Mozelos, está em greve desde o passado dia 20.

O conflito estava, há muito, latente, pois o patrão negava-se a cumprir cláusulas do Contrato Colectivo de Trabalho, isto apesar deste contrato prever salários perfeitamente desactualizados — o salário máximo é de 4.350\$00. A «gota que fez transbordar o copo», caiu quando o sr. António tentou despedir 5 mateiros (trabalhadores que procedem ao abate de árvores destinadas à serração) a quem não pagava as ajudas de custo, previstas no Contrato, para refeições e gasolina quando das suas deslocações em serviço da firma. Os delegados sindicais não foram atendidos ao procurar saber as razões das ordens de despedimento e convocaram o plenário em que foi decidida a paralisação até o sr. António desistir das suas prepotências e também atender pequenas reivindicações salariais.

Durante os primeiros dez dias de greve, o patrão recusou-se não só a atender as Brigadas Especiais do Ministério que se deslocaram à firma, mas também a comparecer a duas reuniões conciliatórias previstas para a Delegação do Ministério

do Trabalho em Aveiro e para as quais foi convocado. Nem sequer notificações para comparecer na GNR conseguiram demover o «importante» senhor da sua atitude.

Entretanto, estando marcada nova reunião para segunda-feira, 2 de Agosto, o patrão anunciou com bastante antecedência a sua intenção de não comparecer. Perante o impasse assim criado e face à omissão da Lei para tais casos, os trabalhadores do «Mangas» interrogaram a Costa Leça — sobre se será necessário que as suas mãos de trabalho se transforem em mãos de justiça.

Para já a greve continua e conta com a solidariedade dos trabalhadores corticeiros e metalúrgicos que estiveram numa concentração, junto da fábrica, no passado dia 29, com o fim de pressionar quem de direito a agir. Foi também iniciada uma campanha de recolha de fundos para a hipótese bastante provável do conflito se arrastar.

«Maré Viva» cuja presença, no local, mereceu a melhor atenção de todos os trabalhadores, dará mais notícias.

### Silvalde: No «Luís da Loura»

#### — Fábrica parada com patrão suspenso

Em plenário realizado no passado dia 22, os trabalhadores da firma Luís Alves da Rocha, com fábricas em Silvalde e S. João de Ver, decidiram, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 660/74 de 25 de Novembro, suspender o patrão-gerente para inquérito a razão para tal procedimento, explicam-na os trabalhadores, em comunicado do Sindicato dos Tapeteiros, Carpinteiros e Reçeiros do Centro, datado de 23 de Julho e de que destacamos os seguintes pontos:

— O sr. Luís começou por se atrasar no pagamento dos salários e veio a apurar-se que gastava as contribuições dos

empregados para a Previdência e o Sindicato.

— Retinha e gastava os subsídios — o próprio abono de família — que por seu intermédio, aquelas instituições remetiam ao pessoal.

— As dívidas da firma elevam-se a 22.875 contos dos quais 2.000 à Previdência e 500 aos trabalhadores.

— Apesar disto, o sr. Luís, recusou sempre as sugestões dos seus operários para, em conjunto, tentarem superar a crise. Assim deixou chegar as fábricas a

### Em Lourosa

## Terminou a greve na «Nortenha»

Após vinte e cinco horas de paralisação, foram finalmente sanadas as divergências que no «Amadeu» opunham os trabalhadores à gerência.

Conforme notícia que demos no último número, os trabalhadores tinham paralisado, no passado dia 16, sexta-feira, devido ao castigo aplicado a dois trabalhadores. Na terça-feira seguinte, iniciadas as negociações, o trabalho foi retomado.

Divergências quanto à forma como seriam compensadas as horas de paralisação (horas suplementares como desejava o patrão ou horas normais de trabalho como contrapunham os trabalhadores) impediram a rápida resolução do assunto. Vários incidentes entre os quais a tentativa de agressão de dirigentes sindicais fechados na fábrica, quando se preparavam para expor ao plenário dos trabalhadores o andamento das nego-

ciações e, no dia seguinte, uma larga movimentação de trabalhadores que culminou com o afastamento, das instalações, de alguns elementos provocadores (na presença da G.N.R. que não se intrometeu) e nova paralisação, ficaram a assinalar o período que durou o confronto.

Na passada sexta-feira dia 23, no seguimento desta última paralisação, as partes interessadas compareceram em nova reunião na Subdelegação do M. T. em S. João da Madeira. Nesta reunião viria a ser acordada uma proposta dos trabalhadores no sentido de que as horas de paralisação fossem descontadas nos «rectos activos» devidos pela empresa e que esses «retroactivos» fossem pagos até Março do próximo ano. Quanto aos castigos que estiveram na origem do conflito, ficaram sem efeito, sendo pagas aos trabalhadores as horas que perderam.





## des problemas

uma situação em que não podem laborar, por falta de matéria-prima.

Após a suspensão do gerente, os trabalhadores decidiram continuar a comparecer nas fábricas, apesar de nada poderem fazer, durante as 8 horas de trabalho, enquanto uma sua delegação se deslocou a Lisboa, em busca de uma solução. Foi neste período que a reportagem de «Mare Viva» esteve na fábrica em Silvalde onde pôde constatar a determinação daqueles operários em garantirem os seus postos de trabalho e, portanto, o pão dos seus.

As mudanças que neste momento se operam a nível governamental, atrasaram as diligências da delegação ida a Lisboa. Entretanto, e assim que as coisas estejam organizadas, uma solução virá, muito provavelmente na forma de credenciais para que as fábricas possam trabalhar em auto-gestão.

## Lourosa: Central Produtora Corticeira

### — Paralisada

A Central Produtora Corticeira, «Carroço», paralisou a poucos dias da paragem para férias, por iniciativa dos trabalhadores. O objectivo é tentar levar a empresa a encetar negociações para a resolução do problema criado com uma alegada falta de dinheiro — o patrão declarou não ter dinheiro para fazer o pagamento do subsídio de férias e dos salários do mês de Julho. Não se vislumbra ainda solução para o conflito assim gerado.

Existe neste momento a possibilidade de que situações análogas a esta venham a surgir por toda a região corticeira. De facto, os trabalhadores não dispõem ainda de instrumentos capazes de os auxiliarem na verificação da situação financeira das empresas. Por outro lado, a lei de Trabalho é omissa, ou pelo menos equívoca, quanto ao que fazer perante uma recusa unilateral ao diálogo.

Este assunto faz lembrar a necessidade de uma rápida definição do futuro das pequenas e médias empresas, problema que diz respeito ao Governo, aos pequenos e médios industriais e aos trabalhadores. e, como tal, pressupõe o diálogo mútuo. Ao lançar um comunicado, dirigido aos trabalhadores corticeiros, e com o qual procura lançá-los contra a sua própria organização sindical — coisa que fez no passado dia 22 — a Associação dos Industriais da Cortiça em nada favorece a criação de um clima propício à realização de um tal passo em frente. A situação em Lourosa e em toda a região das pequenas indústrias corticeiras continua «quente» e, tudo indica, a temperatura tende a subir.

## Vergada: no «Valdemar»

### — Dou-vos as chaves

A tentativa de agressão de um delegado sindical seguida de tentativa de despedimento, despoletou a situação de tensão no «Valdemar», na Vergada. Os trabalhadores paralisaram.

A situação de compromisso existente, que assentava da parte dos trabalhadores na renúncia a alguns direitos (retroactivos, nova tabela salarial e outros) e permitia o andamento da fábrica, rompeu-se. Os trabalhadores indignados pela atitude do senhor Valdemar (e esposa), exigiram o que lhes era devido. O patrão, em resposta, atirou simbolicamente as chaves da empresa ao chão, sugerindo a sua demissão.

Perante esta atitude e na presença da Direcção Sindical, ambas as partes sentiram que era necessário retomar o compromisso. Ficou com esta forma:

Os trabalhadores prescindem dos retroactivos; passam a receber pela nova tabela; recebem o salário correspondente ao mês em que vão de férias no fim de Julho, e aguardam o subsídio de férias que irá sendo pago, conforme as possibilidades da empresa, até Março de 1977.

Os atritos que originaram os conflitos ficaram esquecidos e a empresa pagou as horas de paralisação.

Assinale-se ainda o papel da solidariedade corticeira, que, aqui, como em todos os conflitos que temos noticiado, tem contribuído para levar as questões a bom termo.

«MARE VIVA» tem acompanhado com atenção o processo de criação da CERCIL-ESPINHO — Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas, por nos parecer uma iniciativa que poderá ter um grande alcance social, cultural e sanitário. Hoje voltamos a fazer o ponto da situação actual da Cooperativa, até porque no domingo, dia 25, decorreu uma movimentada recolha de fundos. Esta recolha que foi efectuada junto dos automobilistas que transitavam pela saída e entrada de Espinho, das 9 às 19 horas, congregou o esforço de algumas dezenas de pessoas e da venda de autocolantes resultou um acréscimo muito razoável no «Haver» da Cooperativa: cerca de 32.500 escudos. Para fazer o tal «ponto da situação» contactamos um dos sócios-fundadores, D.ª Fernanda Ribeiro, que começou por nos informar:

— Neste momento temos já uma casa que nos irá ser alugada em Anta. A casa para começar serve. Tem 4 salas, uma das quais terá que servir de sala polivalente



# A CERCIL AVANÇA

para várias actividades e uma sala de jantar grande. Mais tarde será necessário ampliá-la e adaptá-la. O arrendamento terá que ser feito nestas condições. Mas além da casa há outro dado novo: a escritura da Cooperativa será feita no dia 31 do mês de Julho. Isso irá facilitar o avanço.

Foi-nos dito ainda que os sócios fundadores se dividiram em três grupos para maior eficiência no trabalho — o 1.º encarregado da recolha de fundos e angariação de sócios, o 2.º que se encarregará da casa e instalações e o 3.º que terá a seu cargo o levantamento do número de crianças inadaptadas que poderão vir a beneficiar desta realização.

Por nos parecer que um levantamento correcto das crianças deficientes será base importante para o trabalho a desenvolver, perguntámos como será feito esse levantamento.

— Neste campo estamos atrasados. Pedimos colaboração aos médicos mas não recebemos qualquer resposta. Só o Centro de Saúde nos mandou alguns elementos. Pedimos também colaboração ao Centro de Psiquiatria de Aveiro. Contamos

ainda com os professores para nos indicarem casos. Mas esta colaboração dos professores é dificultada porque há pais que nem sequer aceitam que o seu filho possa ser deficiente mental, o que inibe o professor de o declarar.

É sem dúvida uma situação a vencer, ou então o levantamento terá pouco valor. De qualquer forma, desde já prevemos um problema: é certo que o n.º de crianças que sofrem de perturbações será maior do que o que a Escola poderá admitir. Isto põe a grave questão de se saber como vai ser feita a escolha dos que beneficiarão dos cuidados da CERCIL. Entretanto, os promotores já têm ideias quanto a isso:

— Para começar pensamos em 60 crianças, embora talvez já seja demais. Concordamos que essas crianças terão idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos, ou seja, crianças em idade escolar e, portanto, com hipóteses de aprendizagem. As crianças vêm para a Escola de Reabilitação, de início em função da observação do seu caso pessoal. Ficarão ou não na escola conforme a sua adaptação ao grupo e o grupo as aceitar, mas a sua situa-

ção económica nunca terá influência na sua admissão. Será até dada preferência a crianças economicamente desfavorecidas.

Disse-nos há pouco que as crianças teriam que ser observadas! Quem o irá fazer e onde?

— Contamos com o apoio técnico do Centro de Saúde Mental do Porto. Claro que as crianças terão que ir lá directamente, por iniciativa da família, de preferência acompanhadas pelos pais, que estarão mais habilitados a ajudar à observação dos filhos.

Mas perguntar-se-á:

Mesmo que de início o n.º de crianças abrangidas não seja grande, este tipo de ensino com pessoal especializado acarreta grandes despesas. Quais são as possibilidades de custear essas despesas através de subsídios e outras formas de apoio?

— Entramos já em contacto com o MEIC e com o Ministério dos Assuntos Sociais. Temos também promessas de subsídio por parte da Fundação Gulbenkian e do IASE. A ajuda do MEIC é no sentido da colocação e remuneração de pessoal docente especializado. Todo o restante pessoal terá que ser pago pela CERCIL.

Alguns de nós pensam que a população de Espinho manterá a escola de pé. Outros, que os pais das crianças que frequentem a escola, devem ajudar na medida das suas possibilidades. Podemos dizer que cada criança obrigará a uma despesa de cerca de quatro mil escudos mensais. Se admitirmos as sessenta crianças, são precisos duzentos e quarenta contos por mês. Por tudo isto, a população terá que nos apoiar constantemente. Estamos convencidos de que a Solverde também nos irá ajudar.

Serão admitidas na escola entre 40 a 60 crianças. Há previsões que apontam para um total de cerca de 2.000 crianças deficientes no concelho. Haverá algum projecto no sentido de apoiar estas crianças que ficam de fora e de actuar no próprio meio em que vivem?

— No início o objectivo é a escola. Temos contudo obrigação de alargar a nossa acção. Mas o problema tem de ser visto em profundidade, o que implica uma reestruturação total das condições de vida das zonas mais desfavorecidas. Uma acção do género da que apontam está prevista por nós, mas todos sentimos que é muito difícil. Há também todo um trabalho que a Cooperativa terá de fazer junto da população para que a criança deficiente não seja um ser sempre marginalizado. Aliás, a nossa ajuda à criança não se limitará apenas ao período entre os cinco e os dez anos, mas tentaremos ajudá-la a integrar-se completamente na sociedade.

Em que sociedade é a questão que fica. Naquela que, portadora de tantos males, é muitas vezes a culpada da situação a que chegam as crianças deficientes? A CERCIL, pela voz da nossa entrevistada, aponta para a necessidade de uma «reestruturação total das condições de vida». Há que assumir esta afirmação, sob pena de a escola se limitar a um papel de tentar dar remédio a alguns escassos casos e ver a sua tarefa sempre dificultada pelo aparecimento constante de crianças deficientes. Cuidar das crianças sim. Mas eliminar o mal pela raiz, é a única solução.

## Bairro «VIOLAS» — Anta Tudo pelas crianças

A actividade da Comissão de Moradores do Bairro Violas, em Anta, foi tema para uma curta conversa com alguns dos seus elementos, que nos deixa a serena certeza de que este tipo de organização popular vinga, mesmo no terreno áspero que se lhe procura criar.

— Soubemos que a Comissão de Moradores está com obras entre mãos. Gostaríamos que nos dissessem o quê?

— Neste momento estamos a arrancar com um parque infantil que constará dum recinto com um sector para a prática desportiva e um outro para diversão.

A comissão já tem obras começadas: o campo saibrado onde é já possível a prática de voleibol. Pensamos, a médio prazo, obter cestos para a prática do basquetebol. Mais tarde pensaremos em balizas de andebol. Isto, na parte desportiva. No que diz respeito à parte de diversão, existem baloços de dois tipos e, logo que haja possibilidades, surgirão outras coisas.

Estamos, agora que a obra arrancou, a envidar esforços para obter participações financeiras e com materiais, da parte da Câmara.

— Quando é que a Comissão de Moradores iniciou estas realizações?

— Esta iniciativa arrancou há uns dez meses. para arranjar dinheiro, a

comissão levou a cabo determinadas actividades como: bailes, rifas e dois peditórios.

— E quanto à colaboração dos moradores do bairro. Como tem sido?

— Pode dizer-se que a colaboração tem sido razoável. Esta Comissão foi fundada em plenário de moradores e conta com dois representantes por cada escadaria.

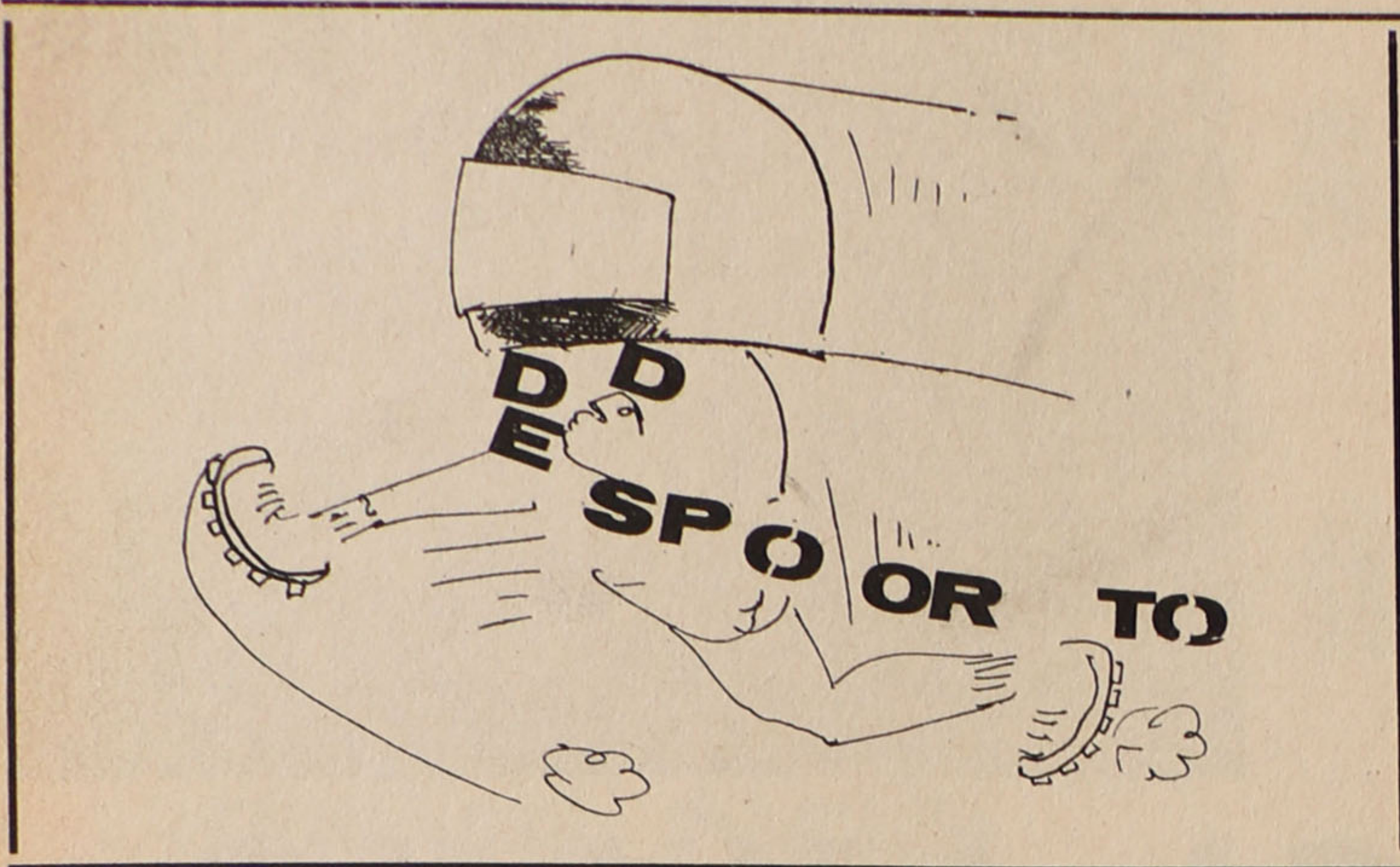
— Na concretização dos vossos planos, surgiram naturalmente problemas. Quais os principais e como foram ou estão a ser resolvidos?

— Logo após a formação, os nossos primeiros passos foram no sentido de resolver o problema do lixo. Diga-se desde já que o problema é gravíssimo, pois a lixeira está a cerca de oito metros dos blocos de habitação. Todos os dias se assiste ao espectáculo das crianças a irem buscar as bolas ao meio da lixeira que é destapada e onde o mosquedo é abundante.

Fomos junto dos responsáveis ligados ao proprietário do bairro. Promessas não faltaram, inclusivamente foi-nos dito que esse problema ia ser resolvido e, mais tarde, chegou-nos a ser mostrada a planta de um projecto para a resolução do mesmo. Mas envolvia a verba de 50 mil escudos...

(Continua na pág. 7)





## HALTEROFILIA EM FOCO

## Entrevista com Mário Queirós

Realizou-se no passado sábado dia 31, no Pavilhão da Associação Académica de Espinho, o 1.º Torneio Internacional de Halterofilia, integrado no programa de Festas de Verão. Para nos falar da modalidade, e do torneio, que na altura da entrevista ainda não tinha dado o fôlego ouvir o responsável da secção Académica, Mário Queirós, homem muito ligado à modalidade e que conta apenas 36 anos, mas já com uma longa folha de serviços, dentro da halterofilia.

**MV** — Qual o seu passado na modalidade?

**MQ** — Comecei a representar o Ginásio Haltere do Porto, onde fui praticante durante 8 épocas. Aí fui desde atleta e treinador a director. Fui campeão Nacional das categorias D, C e B, em 1969/70 e nesta mesma época também fui vice-campeão da categoria A. Daí para cá, tenho competido todas as épocas, nos Campeonatos Nacionais, ficando sempre entre os cinco primeiros classificados. Também estive no Sport Club do Porto, e embora não tenha entrado em competições federadas por este clube, foi lá que aprendi muito, graças ao mestre Torres Vilas. Entretanto passei a residir em Espinho e a centralizar cá toda a minha actividade comercial, pelo que comeci a «entrar», nos problemas desta cidade. Assim apercebi-me da necessidade de criar aqui um centro, onde os jovens (e não só!) Espinhenses, pudessem praticar a modalidade. Contactei a Federação nesse sentido, que me deu todo o apoio. Assim criei na Académica de Espinho a secção. E aqui queria mencionar, todo o carinho que as direcções têm dispensado à halterofilia, o que me dá ânimo para fazer mais e melhor. Nesta época que está a terminar, representei o clube, tendo vencido na minha categoria (leves), algumas provas, assim como, venci com os meus «pupilos», uma taça no Campeonato Nacional.

**MV** — Quais as melhores marcas que conseguiu até ao momento?

**MQ** — 80 Kg. no arranque e 105 Kg. no arremço.

**MV** — Estando ligado à Federação, que funções vem desempenhando?

**MQ** — Actualmente sou coordenador Distrital, secretário da Delegação do Norte da F.P.H. e treinador Distrital.

**MV** — Qual a expansão da modalidade, a nível Nacional?

**MQ** — Há em Portugal, cerca de 50 centros, com um total de cerca de 500 praticantes, no que diz respeito a Espinho,

neste momento além da AAE, temos mais dois núcleos (Liceu e Escola). A partir de Setembro espero pôr a funcionar uma Escola de Halterofilia (correspondendo ao interesse da juventude Espinhense), com atletas dos 14 e 15 anos, tendo já contactado diversas entidades, no sentido de obter material, para assim haver uma iniciação em profundidade, a exemplo do que se faz em vários países, tal como a Bulgária, onde a halterofilia marca posição. Para este trabalho conto com 10 animadores devidamente cursados pela FPH/DGD, que me auxiliam na orientação técnica pois o número de praticantes em Espinho já é elevado.

**MV** — Porquê em Espinho, este torneio e não em Lisboa?

**MQ** — Já há muito que andava a «apertar» a FPH, no sentido de fazer no Norte uma prova ou demonstração com halterófilos, estrangeiros de nomeada. Por isto ou aquilo... só agora surgiu a oportunidade, devido à ajuda material da Comissão de Festas de Espinho. Lancei «mãos à obra», e com o Norte nunca vii atletas de nível Europeu (como Lisboa já vii) e aqui também é Portugal. Entretanto cheguei a acordo com a FPH, e tudo se

(Continua na página 7)

## VOLEIBOLISTAS DO S.C.E. quase na 1.ª Divisão

Beneficiando de uma repescagem, a equipa feminina do Sporting de Espinho defrontou o Académico de Braga, nas meias finais do Nacional da 2.ª Divisão. Depois de saírem derrotadas em Braga pela margem mínima (3-2), as espinhenses não conseguiram no seu reduto levar de vencida a equipa bracarense, que logo no primeiro «set», demonstrou a sua superioridade ao vencer por 15-1. Acusando um certo nervosismo e com algumas atletas a parecer-nos em baixo de forma e com alguns erros de orientação à mistura, as locais viriam a perder o segundo «set», desperdiçando assim uma grande oportunidade de subirem à 1.ª Divisão e disputar a final do Nacional da 2.ª Divisão com o vencedor da zona sul. Nos outros três «sets», o equilíbrio predominou, mas os erros dos primeiros «sets» continuaram, e o jogo terminou com a vitória da equipa com melhor toque de bola e com uma excelente recepção.

## Futebol de Salão

Como já havíamos feito em relação ao S. C. Espinho, contactámos a equipa organizadora do VII Torneio de Futebol de Salão da Associação Académica de Espinho, para sabermos dos objectivos e das condições que revestem uma tal organização.

Conforme era esperado, os objectivos primeiros da A.A.E. ao organizar estes torneios regularmente não divergem fundamentalmente dos do S.C.E. São de natureza económica. Só com uma diferença: enquanto que no S.C.E. se procura o apoio financeiro para o Departamento Amador, na A.A.E. é o equilíbrio do orçamento do próprio clube que está em causa.

E vejamos. As receitas de quotização dos sócios da A.A.E. rondam os 100 contos anuais, enquanto que as despesas previstas são de cerca de 900 contos. Advinham-se as dificuldades dos responsáveis academistas em reduzir este saldo negativo, que para isso recorrem aos mais diversos tipos de iniciativas. O torneio de futebol de salão com as dezenas de contos que rende não resolve a situação. Mas ajuda. Como ajudam as festas promovidas no Casino e outras actividades. Restam os subsídios para pôr «a casa mais arrumada». Uns mais pequenos (caso já Câmara e Comissão Municipal de Turismo) outras maiores, nomeadamente da Solverde. Mas viremo-nos para o aspecto estrita-

mente desportivo. Os organizadores do torneio têm a ideia de que estão a juntar o útil ao agradável. As vantagens económicas, junta-se a circunstância de se proporcionar à população a oportunidade de praticar desporto, que por cá continua a ser um privilégio. E o entusiasmo por este torneio vai ao ponto de, mesmo pagando, estarem inscritos 48 equipas, um total que deve ultrapassar os 400 praticantes. Também na abertura do torneio da A.A.E. há algo diferente em relação ao do S.C.E. A circunstância de só os não federados se poderem inscrever, dando-se assim um maior nivelamento do aspecto competitivo e oportunidade àqueles que não são «craques» de fazerem também a sua «perninha».

De lamentar que não se possa exercer a necessária vigilância médica sobre os futebolistas mas as despesas e as dificuldades na sua montagem tornam-se proibitivas. Alas organizações de maiores responsabilidades procedem de igual modo sem qualquer problema.

Concluindo: vão estar mais quatrocentas pessoas em actividade desportiva — durante o mês de Agosto, a A.A.E. recolhe «frutos» e os apreciadores de futebol continuarão a ter a oportunidade de se entreterem até que regresse o futebol profissional.

## Aurélio Fortuna

## FALA DE ANDEBOL

Uma vez mais, o andebol senior espinhense é notícia. Desta feita porém, é com certo regozijo que o fazemos, já que os nossos rapazes consagraram-se campeões regionais ao derrotar na derradeira jornada o Portuense Desporto pela marca 22-15. Cabe aqui abrir um parêntese, apenas para frisar que o S.C.E., devido à discutida mudança de Associação (de Aveiro para o Porto), havia sido relegado para a 3.ª divisão regional, ou seja, começar tudo de novo. Naturalmente haverá curiosidade em saber o que nos reserva o futuro para a modalidade e algo sobre a época transacta. Para o efeito, abordámos Aurélio Fortuna, homem ligado a todas as «lides» directivas, a quem proibindo da ocasião, apresentamos as nossas sinceras congratulações.

★

**P** — Para iniciar nosso diálogo gostaríamos de saber se foram encontradas dificuldades de maior em levar de vencida esta autêntica maratona que é o Regional?

**R** — Bem, dificuldades existem sempre. Em relação à prova, devo dizer que em princípio não duvidávamos da subida; porém, quanto ao título, o caso era um pouco mais complicado, visto existirem três ou quatro equipas de real valor.

**P** — Provavelmente esta vitória terá uma influência positiva no qual concerne

ao incremento da modalidade nas camadas mais jovens e, cremos, até existirem projectos para tal fim. Poderás acrescentar algo de concreto sobre o assunto?

**R** — Sem dúvida que o êxito da nossa formação (técnico e atletas) será um trampolim para o desenvolvimento regional da modalidade, mas, só por si, não bastante para resolver toda uma série de carencias existentes. No entanto, a curto prazo, pensamos organizar torneios de Andebol que englobarão jovens dos 9 aos 15 anos de idade. Esta realização terá a colaboração preciosa dos atletas seniores e mesmo alguns juniores, pois estará a seu cargo toda a orientação do torneio e implicitamente dos «futuros» atletas. Claro que isto não ficará por aqui. O nosso objectivo imediato é captar a atenção dos miúdos, mas temos em mente formar a Escola de Jogadores na qual assentará o futuro do andebol espinhense. Ainda a propósito, aproveito a oportunidade para explicar o sistema de funcionamento das convocatórias para o torneio. Assim serão afixadas temporariamente em locais de reunião, isto é, cafés, casas de espetáculos, etc., folhas nas quais os interessados escreverão o seu nome e direcção. Após esta operação, recolheremos as mesmas e enviaremos a convocatória a todos os jovens inscritos, via «CTT», com o fim de se informar o início do Torneio.

(Continua na pág. 7)

## SABIA QUE...

Com 48 equipas divididas em 6 séries, teve início no passado domingo, dia 1, o Torneio de Futebol de Salão, organizado pela Associação Académica de Espinho. Elementos afectos ao Voleibol e ao Hóquei em Campo, chamaram a si a organização deste torneio, que não permite a participação de atletas federados.

Em virtude do adiamento da «Volta», o circuito ciclista a Espinho, organizado pela Associação de Ciclismo de Aveiro, com o patrocínio da Comissão de Festas de Espinho, realiza-se no dia 4 de Setembro, com a participação de equipas que se fizeram representar na prova máxima do ciclismo.

Nos próximos dias 22, 23 e 24 de Agosto, estará em Espinho a caravana ciclista da Volta a Portugal. Assim teremos no primeiro dia, a chegada da etapa Vila de Conde — Espinho. No segundo dia será para descançar, partindo no dia seguinte para a etapa que liga Espinho a Oliveira de Frades. A meta deverá estar instalada junto ao Teatro S. Pedro.

No próximo fim-de-semana, esta cidade vai ser palco da maior festa ciclista infantil que se realiza no norte do País. A volta deste ano, na sua 16.ª edição, terá co-

mo director Alves Barbosa, elemento responsável pelo ciclismo na Direcção-Geral dos Desportos. No sábado, realizam-se os circuitos, assim como, a prova de eliminação para as idades de 13 e 14 anos, tendo lugar no domingo a prova de estrada, com duas etapas. A distribuição de prémios, será efectuada no domingo à noite no Salão Nobre do Grande Casino de Espinho.

Deslocam-se no próximo mês de Setembro ao estrangeiro, dois responsáveis da Académica de Espinho, ligados ao sector juvenil de Voleibol, a fim de frequentar um curso de treinadores.

Durante o mês de Agosto, a secção de Xadrez da Académica de Espinho, vai levar a efeito um vasto programa de divulgação da modalidade, assim como vários torneios, nesta cidade. Tal como nos anos anteriores, a Comissão de Festas de Espinho patrocina estas jornadas.

Estiveram acampados no parque de campismo de Cortegaça, os iniciados de Voleibol da Académica de Espinho, juntamente com os responsáveis técnicos para a próxima época, Manuel Augusto e Adriano Pinto. Além da boa disposição, não faltou a preparação física, nestes dias de convívio.

## Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE



## PRAIAS ANTIGAS PRAIAS MODERNAS

(Conclusão da 1.ª pag.)

não há conhecimento de que esteja prevista a extinção da Carreira de Tiro, mas há que contar com o plano de reestruturação das Forças Armadas, e saber o que ele pode implicar quanto ao futuro da Carreira de Tiro. Entretanto, a mais recente informação que chegou à Câmara indica que o problema continua em estudo.

Mas o mínimo que se pode considerar é que não seria talvez muito difícil evitar a utilização da Carreira de Tiro nos meses de Verão, ficando assim favorecida a situação dos interessados em frequentar a praia, embora falte saber se os pescadores também veriam com isso resolvidos os problemas que lhes levanta na sua faina a utilização da Carreira de Tiro. Interromper o funcionamento da Carreira de Tiro nos meses de Verão é uma justa posição pela qual a população terá que lutar, manifestando o seu interesse em ver reconhecido um seu direito que até não será difícil de conquistar, tão lógico ele é. Portanto, e enquanto não surge a possível solução de fundo, é necessário fazer ver a quem de direito que a Carreira de

Tiro de Espinho não deverá ser utilizada pelas Forças Armadas durante o Verão.

Além disso, a distância do centro de Espinho é grande, e a inexistência de transportes públicos adequados dificulta a frequência. O acesso à praia poderá ser feito, para já, de dois modos distintos: pela estrada que liga Espinho ao Aero-Clube, e pelo Caminho de Ferro, uma vez que o apeadeiro de Silvalde fica a escassas centenas de metros da praia. Entretanto, caberá aqui levantar a possibilidade de um eventual prolongamento da Avenida 2, de forma a ser estabelecida uma ligação continuada que ligasse esta Avenida à estrada para o Aero-Clube e à praia. Isto viria facilitar bastante o acesso e serviria até para diminuir um pouco o isolamento e marginalização de que têm sido vítimas os Bairros da Marinha e Piscatório em relação ao resto da cidade.

Em conclusão, parece poder afirmar-se que Espinho poderá beneficiar dentro em breve de uma praia que fará com que o título de Rainha da Costa Verde seja ainda mais digno de Espinho e das suas praias.

## CARTA ABERTA

(Conclusão da pag. 3)

rado, e com uma personalidade difícil de igualar, sim, um verdadeiro oráculo da maldade.

«Como vai o negócio?»

— Certamente que para o infeliz «retornado», Sr. Lourenço, o negócio vai de vento em pópa.

Senão, vejamos: 400 hóspedes, que estão paternalmente a ser alojados e alimentados pelo Sr. Lourenço, se lhe proporcionarem um «pequeno lucro» de 50\$ por pessoa, equivale a 20.000\$00 por dia.

Assim, sem dúvida, que «UM MISE-RO SUBSÍDIO DE 600.000\$00 MENSUAIS», de lucro líquido, que o Sr. Lourenço auferiria, é uma verdadeira e autêntica «lança em África»,... metida em Portugal.

Pois, pois, o Sr. Lourenço é o único retornado trabalhador...

Pedimos justiça, feita por autoridades competentes, para que o bom nome do Senhor Capitão Alves Pereira, não seja envolvido nas manobras deste sujeito, já lendário na Princesa Cidade de Espinho.

Afirmamos ao Senhor Capitão Alves Pereira que este cavalheiro não está a ser correcto.

Senhores! haja a coragem, para agir contra este prepotente hoteleiro, que ameaça toda a honra dos que querem trabalhar, em paz e sossego, no nosso País.

Declaramos que serão enviadas cópias desta carta ao Primeiro Ministro, ao Director do IARN, ao Senhor Ministro dos Assuntos Sociais e à RTP do Porto.

Pedimos justiça e só justiça, porque

ainda acreditámos, que há homens competentes, corajosos e dignos. Salve-se ao menos a honra.

A si, Sr. Manuel Lourenço, desejo que medite bem, antes de falar e nunca atire lama, a pessoas que não conhece, pois graças a Deus, são muito honradas.

O Lavrador  
«Retornado»

Nota final

A publicação desta última carta é um pouco extemporânea em face dos esclarecimentos dados na carta do Sr. Manuel Lourenço, que coincidem, na realidade com o que aquele senhor declarou à nossa reportagem e foi publicado de uma forma não tão clara. O pedido de várias pessoas que se dirigiram à nossa sede e também aquilo que pode depreender do que mais adiante dizemos, levaram à sua publicação, embora não deixassem de retirar partes (pouco significativas) que, pelo tom demasiado apaixonado, tememos fossem além do que a Lei de Imprensa e a ética jornalística permitem.

O seu autor, identificado perante nós, (e perante a maioria dos retornados para quem o seu pseudónimo não é novo), parece esquecer que ser empresário, neste país, não é caso para chamar as autoridades, mas, o seu depoimento sincero e os elementos que fornece tomam novo sentido se neles virmos indícios de descontentamento na população desalojada (não contra um ou contra todos os hoteleiros) perante a situação que analisamos no texto introdutório.

De qualquer modo há aspectos desta polémica que, ainda não estão esclarecidos. Esperamos mais revelações.

## DESPORTO (continuação)

### Halterofilia

está a processar para que Espinho, assista a um bom espectáculo desportivo.

MV — Quais as possibilidades da Selecção Portuguesa neste Torneio?

MO — As possibilidades são poucas, pois, já não falando nos Jugoslavos, que têm levantadores de elevado nível, a Espanha está, no momento, mais evoluída de que nós. O que interessa é o contacto com equipas deste nível, para aprender algo, pois só assim podemos progredir.

### Torneio Internacional

Realizou-se no passado sábado no Pavilhão da A.A.E., numa organização desta colectividade em colaboração com a Federação Portuguesa de Halterofilia, um Torneio Internacional em que estiveram presentes as quipas de Portugal e Espanha, já que os Jugoslavos, que inicialmente estavam previstos, não compareceram.

Foi uma excelente jornada para a propaganda da modalidade que em Espinho parece ter já ganho raízes. O público ocorreu em grande número o que demonstra bem o interesse que a modalidade está a despertar. Os Espanhóis venceram com toda a naturalidade demonstrando um nível bastante razoável. A classificação final, feita em percentagem sobre o recorde mundial, deu o seguinte:

1.º Matias Fernandez — 81,6%; 2.º Juan Martinez — 80%; 3.º Fernando Escudero — 76,8%; 4.º José Casado — 74,7%; 5.º Valentim Arteche — 74,4%; 6.º Miguel

Castrezana — 73,2%; 7.º Carlos Moreira — 65,5%; 8.º Vitor Estrela — 64,3%; 9.º José Coelho — 62,8%; 10.º Joaquim Costa — 58,6%; 11.º Rui Cabral — 56,5%; 12.º Raul Silva.

### Andebol

P — Mudando um pouco de tema, mas não menos importante, gostávamos que esclarecesse esse tão conflituoso caso da mudança associativa.

R — Sim. Creio ser de importância capital que chegue ao conhecimento público o porquê de tal decisão; aliás, é dela que depende o desenvolvimento da modalidade cá em Espinho. Senão, vejamos: é evidente que quando um indivíduo pratica qualquer modalidade necessita de jogos tanto por razões estimulativas como educativas. Ora, na Associação de Aveiro nada disto é possível em virtude da falta de equipas, principalmente a nível das classes jovens. Para exemplo, sirvo-me dum caso ridículo e simultaneamente cómico que ocorreu há três épocas atrás em que nos consagramos campeões Regionais Juniores sem efectuar um único encontro. Em face disto e do grande desinteresse por parte dos jovens, desinteresse esse provocado pelas razões acima apontadas, vim-nos na eminência de nos transferirmos para a Associação do Porto onde, pelo menos, já existe um número relativamente bom de «teans»

Aqui ficam, pois, as opiniões de alguém profundamente ligado ao andebol.

### Bairro «Violas»

(Conclusão da 5.ª página)

— Quer dizer, o problema do lixo continua por resolver, não é?

— É evidente que sim. Em face das já faladas promessas, deitámos mãos a outras coisas. Se essas promessas não tivessem sido feitas, seria o problema do lixo o primeiro a tentar ver resolvido.

— O parque infantil irá beneficiar quantas crianças?

— Bem... o bairro é constituído por 52 fogos donde, é fácil ver, serão dezenas de crianças a ser beneficiadas com o parque.

— Sendo certo que Anta é uma freguesia onde «abunda» a falta de recintos próprios para crianças, será que outras crianças aqui da zona poderão vir a usufruir das instalações do parque nas mesmas condições das crianças do bairro?

— Claro que sim; não há o direito de negar, seja a que criança for, venha ela donde vier, os direitos que são dados aos filhos dos moradores.

— Posto isto, quererá a vossa comissão dizer algo mais aos leitores do «Maré Viva»?

— Apenas o seguinte apelo, na forma de uma pergunta: Será que é correcto, meia dúzia de pessoas trabalharem para a construção dum obra desta natureza e, quando procuram angariar fundos, terem de pagar juros desse trabalho como, por exemplo, mil escudos de direitos para a realização de bailes?

Cá fica a pergunta, para nós que não hesitamos na resposta e para quem competente que esperamos possa arranjar maneira de a pôr em prática.

### Será possível...?

(Continuação da pag. 4)

dirigente sindical pediu-lhe que aguardasse a fim de poder contactar o M. T. para confirmar. O pedido foi deferido. Porém, quando voltou ao local, o camião já havia sido retirado com um saldo de três feridos. Pouco depois, junto da firma Luiz Oliveira Santos, as noventas G-3 nas mãos de outros tantos G.N.R.'s mantiveram em respeito os quinze trabalhadores da firma para que de lá saísse uma furgonete carregada de papel higiénico. E a cena repetiu-se ao longo da parada a que a pacata freguesia teve o ensejo de presenciar com indignação. Mais tarde, já em Aveiro, o mesmo dirigente sindical voltou a contactar o comandante da força (entretanto saciada) que, depois de desmontada a história das ordens do M. T., lhe explicou que as ordens teriam vindo de «cima».

Perante isto, o cidadão de boa fé, seja comerciante, estudante, industrial, professor, soldado, operário, dona de casa, etc., poderá pôr a questão: então se para qualquer conflito existe o M. T. e existem os Tribunais porque será que quando, na tensão de uma greve, os trabalhadores procuram defender o único garante do pagamento dos seus salários — a mercadoria produzida — vêm as tais ordens de «cima» com todas as consequências nefastas que, julgávamos terem sido irradiadas da nossa terra?

Entretanto um industrial de Paços de Brandão teria denunciado aos seus trabalhadores que havia sido contactado para pagar a sua parte das despesas de actuação da G. N. R. (com a qual não concordava).

Pergunta-se: a quem interessa, e com que fins, lançar a grave provocação, aos trabalhadores e à G. N. R., de que o seu poder de industriais é tanto que até controlam forças da ordem? O certo é que com tal actuação conseguem que fique a dúvida lançada e já há quem faça a pergunta que serve de título a este artigo.

CASA LUÍSA NOGUEIRA

# João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

## Pinturarte

### Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística

Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras  
— em todos os estilos —  
Candeieiros — Louças — Cristais  
— Alcatifas — Electrodomésticos,  
— ticos, etc. —

## Vende-se

Automóvel OPEL 1900/L

130 mil km. — 1.ª mão

Rua 7 n.º 497 — ESPINHO



### UM LIVRO BOM — UM LIVRO BARATO

«Histórias de Ye Si Yuau»  
Autor — No Vi  
Preço — 25\$00

Este livro é um livro de histórias para crianças. Achamos, porém, que isso não era inconveniente de maior, por uma razão simples: aprende-se muito com as crianças e aprende-se muito com as suas histórias. Na sua simplicidade, na sua clareza, na sua aparente ingenuidade, das lições (não poucas) aos crescidos. É, pois, um livro para os adultos, como é também para os mais pequenos, naturalmente.

As histórias chinesas são muito célebres pela beleza límpida e pela profundidade das mensagens que transmitem. Os pequenos contos apresentados neste livro, foram escritos entre 1935 e 1945. Como diz o seu autor, «a vida tal como neles aparecem é desconhecida das crianças de hoje; são as histórias do passado». Referem-se a tempos difíceis, tempos de sofrimento, ódio e opressão, anteriores à revolução chinesa. O autor considera importante mostrar

às crianças a vida difícil dos seus pais e avós, em vez de lhes dar apenas prosa «bela como a poesia, doce como o mel». As crianças «só entendem as palavras leais e sinceras que as encorajam a olhar em frente». E aprendendo com a dor do passado, sentir-se-ão mais entusiasmados para conquistar a alegria e a felicidade num futuro o mais próximo possível.

Se puder, leia este livro. É uma leitura fácil e agradável, nada cansativa. Leia você e dê aos filhos. Vão gostar.

## CINEMAS

### S. PEDRO

Dia 4, 4.ª feira — O CLUB DA ALEGRIA — M/18 anos.

Se anda mesmo muito triste anime-se com este «Club da Alegria», embora não nos responsabilizemos pelo produto.

Dia 5, 5.ª feira — DELÍCIAS FRAN. CESAS — M/18 anos.

Será preciso ir buscá-las ao estrangeiro?

Dia 6, 6.ª feira — ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA — M/10 anos.

Com uma comédia que mete manobras militares talvez acabe por sofrer uma explosão.

Dia 7, sábado — A TORRE DO INFERNOS — M/18 anos.

Será assim tão espectacular que mereça ser apresentado como o melhor filme do ano?

Não cremos.

Dia 8, domingo — O HOMEM DE HONG-KONG — M/18 anos.

Entre este filme ou uma tarde de praia ou um passeio à noite, eu escolhia as segundas hipóteses.

Dia 9, 2.ª feira — BRINCANDO COM A SORTE — M/13 anos.

A brincar a brincar, experimente e depois diga alguma coisa.

Dia 10, 3.ª feira às 3,30 — SEM FAMILIA — M/6 anos.

É caso para dizer que tratando-se de filmes para crianças, tudo o que vem à rede é peixe. Mas será?

Dia 10, 3.ª feira às 21,30 — OUTONO ESCALDANTE — M/18 anos.

Contar-nos-á a história dos últimos Outonos entre nós ou será para nos levar a esquecê-los?

### CASINO

Dia 4, 4.ª feira — PAIXÃO CIGANA — M/13 anos.

É com filmes deste género que nos pretendem mistificar a realidade dizendo que se trata dum «amor aparentemente impossível entre uma ferosa e bela cigana e um capitão aristocrata».

Ao fim e ao cabo, pornografia sem carne crua.

Dia 5, 5.ª feira — VÊNUS IMPERIAL — M/18 anos.

Mais uma super-produção para embasbacar (os espectadores) e meter bom dinheiro ao bolso (os produtores).

Dia 6, 6.ª feiras — OS DOIS MISSIONÁRIOS — M/6 anos.

Dia 7, sábado — Idem

Dia 8, domingo — Idem

Dia 9, 2.ª feira — Idem.

Se se avaliasse a qualidade dum filme pelos dias em cartaz, este era certamente um bom filme.

Contudo, não são geralmente os bons filmes que permanecem dias e dias seguidos em cartaz, infelizmente.

### PARAMOS

Dias 6 e 7, sábado e domingo — PUNHO SANGRENTO

Não haverá outro género de filmes, ainda que seja para variarmos de técnica de luta?

### Publicidade

O jornal não pode viver sem publicidade.

Daqui lançamos aos amigos um apelo para nos ajudarem angariando anúncios.

Entretanto «MARÉ VIVA» publicará gratuitamente os anúncios de pedido de emprego.

## MANHÃ NA FEIRA

Julho, 26. Segunda-feira. 9 horas da manhã.

Como de costume a dona de casa vai à feira. Para trazer as compras leva dois sacos. Espera adquirir alimentos para dois dias ou (conseguirá?) talvez para três. E como por vezes acontece, também desta feita leva na ideia uma compra extra. Um «mimo» para a filha mais velha, que a acompanha, pedido várias vezes repetido.

Poucos compradores ainda mas os feirantes tinham já quase tudo exposto. A filha aponta-lhe, com um sorriso esperançoso, uma banca de tecidos. Pareceu-lhe ver um que gostaria para o seu vestido. A informação vem: oitenta escudos o metro o que, multiplicado por dois metros e meio, dá duzentos escudos. Caro. Ultrapassa a importância eventualmente disponível. Mais adiante, por tecido igual pedem-lhe a 65\$00. Acabam por entregar a 60\$00 «para se estrearem».

Seguem para o peixe e a cena repete-se: por lulas do «nosso mar», com a indispensável areia, que também se paga, uma vendeira à entrada do recinto pede 50\$00 por quilo. Mais além custavam 40\$00. A dona de casa acabou por comprar a 30\$00 numa terceira banca. E medita: porquê estas diferenças de preços tão vinçadas? Não estarão todas as bancas sujeitas a imposto igual? E no caso do tecido não acontecerá o mesmo?

Em seguida dirigem-se às hortaliças e frutas onde a situação é idêntica. As variações de preços, para o mesmo artigo, vão até 100 por cento. Para o caso particular dos produtos hortícolas encontra uma explicação: é sabido que dos que vendem na feira alguns são os próprios produtores, outros adquirem ao produtor e outros ainda são fornecidos por uma terceira entidade existente entre ambos: o intermediário. Assim se estabelece uma cadeia de agravamentos de custos que faz com que os produtos cheguem muito caros ao consumidor.

Com os preços a subir de semana para semana, a dona de casa pergunta-se se em breve não terá de levar um saco de dinheiro para trazer um porta-moedas de compras. E interroga-se: quem paga, afinal, a austeridade?

### GAZETILHA

#### DOS TEMPOS

Do Sol, ao longe, extingue-se a fornalha  
Que o santo dia ardeu, a bom arder.  
Uma névoa por sobre o mar se espalha,  
Guarda-avançada do anoitecer.

Sofremos mais um dia de calor.  
Mas há quem sinta a frialdade imensa,  
O gelo da perfídia e desamor  
A entorpecer o espírito em descrença.

Um sentimento atroz de solidão,  
Sentimento de que não vale a pena,  
Contra forças do Mal, lutar em vão...  
É curial abandonar a cena.

No entanto, há casos em que uma Palavra  
É capaz de despoletar petardos...  
De aniquilar um incêndio que lavra,  
De calar o zumbir de cem moscardos...

E o que chegou subtil como a raposa,  
Pra ser depois feroz como um leão...  
— A História o diz — que numa polvorosa,  
Pode morrer, um dia, como um cão.

Portanto — atente nisto e não se esconda  
Quem o poder dessa Palavra tem:  
Como no mar a onda segue a onda,  
Assim, atrás do tempo, tempo vem!

Alberto Barbosa (BEKA)

### PALAVRAS CRUZADAS

#### SIMÉTRICAS

HORIZONTAIS: 1 — Descansados; 2 — Embirrenta; 3 — Maior, Elas; Adicione; 4 — Pronome demonstrativo; Abe pernalta (pl.); 5 — Tira carga; 6 — O mais; Formar elos; A mim; 7 — Pedaco; Formar abas; 8 — Época histórica assinalada; Césio (s.qu); Triture; 9 — Força; genica; 10 — Avisada, repreendida.

VERTICAIS: 1 — De Milão; 2 — Repetição do som (pl.); Ninho; 3 — Quebre; Personagem Bíblica; 4 — (pl.); Gordura vegetal; Pedra de moinho; 5 — Art.; Ele (franc.); Companhia Portuguesa de Electricidade; 6 — Interj. designativa de silêncio; Inútil; Catedrais; 7 — Aspecto; Lugar onde se secam cereais; Consoante dobrada; 8 — Estilo teatral; Pão de milho das nossa saldeias; 9 — 1.º Homem (inv.); Dirigente político chinês. 10 — Aguardarás.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

Solução do problema anterior:

Horizontais: 1 — Nascente; 2 — Sertão; 3 — Ac-mies- cá; 4 — lot-ar-cal; 5 — Maré-viva; 6 — aras-amar; 7 — nas-rã- ode; 8 — ts-lota-ai; 9 — Remara ;10 — Admirará.

Verticais: 1 — Calmançe; 2 — coaras; 3 — as-tras- rd; 4 — sem-és-lem; 5 — Cria- Romi; 6 — eter- atar; 7 — nas- vã- ara; 8 — tó-cimo- ar; 9 — Cavada; 10 — Falareis.

## MARÉ VIVA

...E cá está o «Maré Viva» à quarta-feira. Um ligeiro balanço para ajustar prazos ao novo dia de publicação e o contacto regular com os leitores recomeça. Um contacto que queremos cada vez mais vivo: fazemos um jornal para si. Critique, colabore, apoie-nos.